

MONTEIRO, Léa Ziggiatti. Se todas as crianças do mundo, nesta outubro de 1979 ... Correio Popular, Campinas, 07 out. 1979.

SE TODAS AS CRIANÇAS DO MUNDO, NESTE OUTUBRO DE 1979...



Alguém me pergunta quando dar uma primeira aula de música a uma criança. Penso um pouco respondo: — Antes que ela nasça! Qualquer ato de amor deve ser precedido dos ritos. Todo pensamento positivo em torno de um novo ente que vai nascer estabelece a sua primeira afirmação. Ela será desejada e amada. A rejeição, que pode ser a tragédia de qualquer criança, pode ser sentida desde o útero materno. Ah, se todas as mães, também, pudessem se cercar de música, de tranquilidade, de pensamentos positivos, os bebês seriam tranquilos e teriam adquirido, nesse primeiro impacto, o seu grande trunfo para a Vida...

***Pudessem se sentir,
de forma total, sadias, amadas, queridas***

O ritual persiste. Ah, se todas as crianças pudessem ser assim felizes. E ter avós, padrinhos e madrinhas, cercando de flores e risos um bercinho fofo. E não ouvir palavras amargas, nesses primeiros meses, e não sentir o ambiente amargo, em que as ausências se fizessem nítidas ao ponto de transmitir a primeira angústia e a primeira insegurança. E pudessem ter um chocalho ou uma caixinha de música para suavizar o mundo de ruídos que terão cedo ou tarde de enfrentar.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030625

Pudessem sorrir, assim, sem temores,

apalpando coisas, derrubando coisas. Seria preciso também, que as crianças cantassem. É por isso que seria importante uma aula de mães, em que se ensinasse canções de ninar. Que a mãe cantasse e, através dessa voz serena, a descoberta da vida seria mais leve e mais fácil. Seria preciso rememorar cantigas, parlendas, que jazem esquecidas nos livros didáticos e que seria uma lição primeira para a mãe dar ao filho:

— Quedê o toicinho que estava aqui?

— O gato comeu...

— Quedê o gato?

— Tá no mato...

— Quedê o mato?...

— Fogo queimou...

— Quedê o fogo?...

— A água apagou...

— Quedê a água?...

— O boi bebeu...

— Quedê o boi?

— Tá amassando trigo...

— Quedê o trigo

— A galinha espalhou...

— Quedê a galinha?

— Tá botando ovo...

— Quedê o ovo?

— O frade comeu...

— Quedê o Frade?

— Tá rezando a Missa...

— Quedê a Missa?

— Tá no altar...

— Quedê o altar?

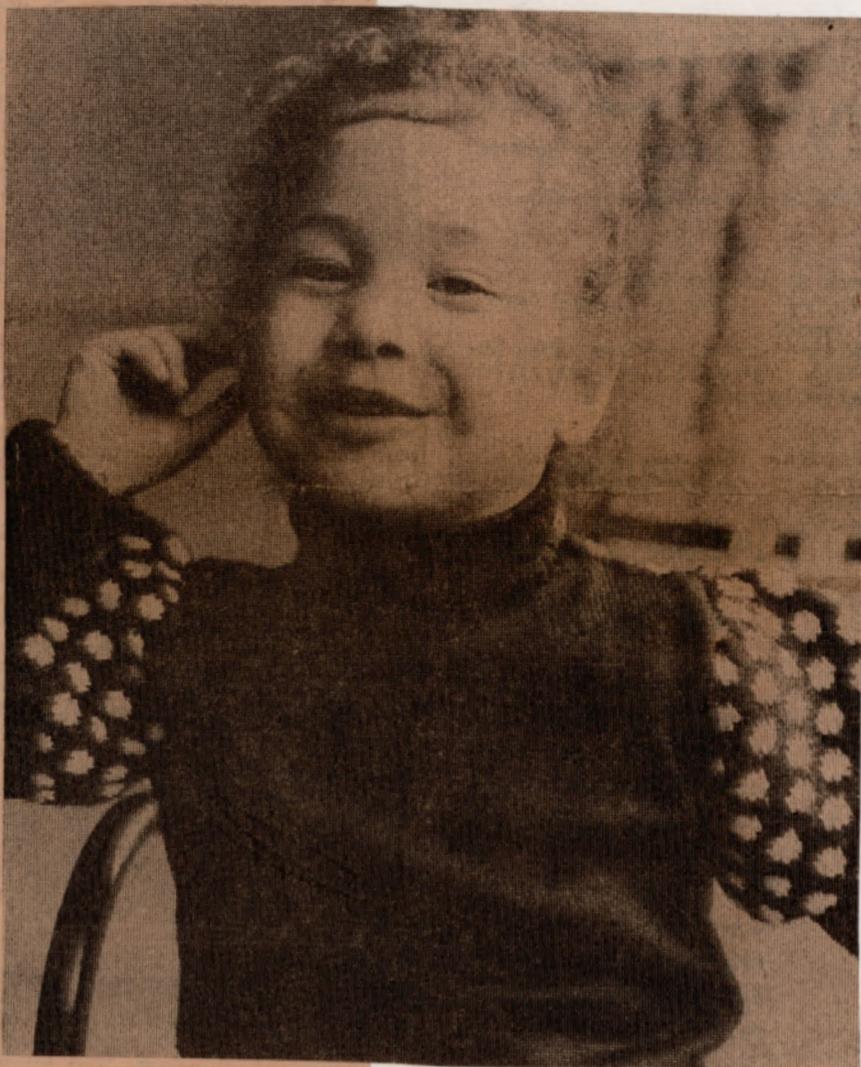
— Tá na Igreja...

— Quedê a Igreja?

— Tá no Mundo.

— Quedê o Mundo?

— Tá acabado...



E verificar que brinquedo é isso... E que não é o brinquedo caro que faz a beleza do Natal, mas a descoberta da criança que ainda existe em nós e que podemos transmitir, através desses fragmentos da nossa infância...

MONTEIRO, Léa Ziggiatti. Se todas as crianças do mundo, neste outubro de 1979... Correio Popular, Campinas, 07 out. 1979.

Pudesse estender os braços, confiantes...

E segurar um balão, desses, de gás, bem alto. E imaginar que ele poderá levá-la ao azul do céu. E acreditar que o Mundo seja esses pedaços coloridos se movimentando ao vento. São coisas que não podem deixar de existir numa primeira infância: os balões de gás, a cara colorida dos palhaços, os tacos de madeira para ela começar a construir e imaginar o seu próprio mundo. É preciso que as crianças, nos seus primeiros anos, resolvam quebras - cabeças, montem cidades de mentira, desenhem castelos, debrucem monstros dos seus sonhos para o mundo colorido das suas próprias formas.

E receber de volta, um sorriso, um abraço...

Não tenha medo. Sorria. Qualquer criança entenderá um sorriso que se abre sem reservas, sem rugas na testa. Você poderá absorver delas um pouco da sua frescura e da sua Verdade. Experimente levar, pela vez primeira, uma criança para viajar de trem... Ou para aplaudir um elefante no circo. Você perceberá que, de repente, através da sua alegria, você será capaz de vibrar de novo com a mágica do serrote ou com a moça do trapézio. E sentirá uma seiva nova, que lhe é transmitida pela criança que recebe e devolve logo, sem avareza, o que lhe sobra em vitalidade e deslumbramento diante da vida.

E pudesse sentir a alegria da vida...

Não será preciso muito. Um barquinho de papel numa poça d'água. Não acredito na criança tão evoluída que seja indiferente a um maranhão volteando no ar ou às emoções de um carrinho de rolemã. De repente, os educadores perceberam e redescobriram o brinquedo didático. Que foi descoberto há muitos anos sem qualificativos. Não eram didáticos. Eram espontâneos, nascidos não de psicólogos formados, mas da psicologia de uma mãe, de um avô, que descobria, espontaneamente, as coisas que serviriam para o desenvolvimento sadio da criança, tanto físico como intelectual... Para o físico, ela tinha de pular corda, de saltar amarelinha, de andar na perna de pau. Para o intelectual ela tinha que afiar a língua nas parlendas, de ordenar palavras nos jogos de bola, de esquentar a cabeça para descobrir as adivinhações. Ah, como eram sábios os educadores, espontâneos e repletos de Amor, que deixaram marcas, inventando os eternos brinquedos do passado. E que a Sociedade Consumista procurou abafar, para poder vender os insípidos brinquedos de matéria plástica.

Sem frio, sem fome, sem os horrores da guerra...

O ideal, no Mundo da infância seriam crianças como essas, amadas, felizes, acessoradas sob todo e qualquer aspecto. Mas há outro lado da infância, as crianças de mães desconhecidas, cuja realidade são as noites de insônia, nas camas eternamente iguais dos orfanatos, as crianças doentes, as crianças com fome, as crianças perplexas num mundo de desigualdades e egoísmos. Neste mês de outubro, no Ano Internacional da Criança, esta página falará das outras faces da infância. E na necessidade de sentirmos a sua presença indisfarçável, esperando de cada um de nós uma solução para o seu descaminho.

